Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Sociais e Educação
Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional
Linha de Estudos Literários e Suas Práxis Educativas

KARLENE FERNANDA MONTEIRO DA SILVA

GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS

A voz e a letra na escola

Belém
2021

O Guia poético de narrativas

Os estudos a respeito das narrativas orais na sala de aula, as inquietações sobre como contribuir para a formação do leitor na educação básica, além das inspirações no projeto *Texto e Pretexto*, desenvolvido pela primeira vez em 1988 como parte de um projeto da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém, objetivando incentivar a leitura, ajudaram-me a desenvolver o produto educacional Guia poético de narrativas, que será melhor explicado numa seção mais adiante, além dos relatos sobre a experiência de colocá-lo em prática na sala de aula.

Em *Texto e Pretexto* há o compartilhamento de experiências de educação contextualizada a partir da literatura amazônica, essa partilha de experiência também é um dos objetivos do Guia poético de narrativas, mas com o foco em narrativas, tanto orais quanto escritas.

Este *Guia poético de narrativas* apresenta-se como um conjunto de atividades em torno do gênero textual narrativa oral, com o intuito de ir ao encontro da formação do leitor literário, buscando desenvolver práticas de ensino a partir de narrativas orais.

Considerando que a narrativa faz parte da vida, em contextos diversos, este Guia percorrerá por esse gênero a partir da criação regional e daquelas que fazem parte do acervo narratológico oral e popular de outros países, explorando-se, também, aspectos intertextuais, afinal:

> *Era uma vez*, assim começa um conto de fadas, trata-se de uma forma canônica que situa o ouvinte e/ou leitor num lugar especial para onde esse tipo de conto tem o privilégio de o levar. O lugar é um mundo imaginário em que se pode permanecer até o *e foram felizes para sempre*. O contador é o artista que preenche esses dois pontos invariantes. Assim conhecemos um conto de fadas, algumas vezes como sinônimo de enganação, outras como “objeto museológico”.
> No entanto, ao contrário do que algumas pessoas possam pensar, esses contos fazem parte do patrimônio da memória coletiva da maioria das tradições dos mais variados países. Moram no imaginário dos homens desde as mais antigas civilizações e tomaram a forma literária. (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p. 41)

No Pará, ancorada na cidade de Belém, existe uma produtora cultural chamada *Na Cuia*, que, a partir do banco de narrativas orais coletadas pelo Projeto IFNOPAP, desenvolveu um trabalho para a produção do *Podcast* denominado *Conto Ribeirinho,* em que realizam a transmissão dessas narrativas, com o objetivo de resgatar e divulgar parte da pesquisa feita pelo projeto IFNOPAP. É a narrativa sendo apresentada com o apoio de aparatos tecnológicos, acompanhando as transformações que acontecem na sociedade, conforme FARES e BASTOS-RODRIGUES (2016, p. 111), em Educar pela voz:

Assentado no mundo tecnológico, as vozes e imagens estão em outra dimensão, chegam até nós em diferentes suportes midiáticos e assumem múltiplas formas. Há bem pouco tempo, vinis (compactos ou LPs) e fitas cassetes traziam histórias para crianças, depois vieram os CDs, DVDs, hoje se baixa pela web, se assiste via Netflix, Youtube, dentre outras muitas disponibilidades. A aceleração global dispersou ou diminuiu a presença do contador, ele quase desaparece dos lares, dando lugar a essas outras formas de contar e as narrativas se atualizam ao sabor das mudanças sociais.

É a partir do trabalho realizado pela Na Cuia, Conto Ribeirinho, que serão apresentadas aos alunos as narrativas orais deste Guia. Além das narrativas orais transcritas e compiladas em *Belém Conta*, organizado pelos professores Dra. Maria do Socorro Simões e Dr. Christophe Golder.

A partir das próximas linhas, apresento as etapas de desenvolvimento das estratégias do *Guia Poético de Narrativas*.

DEFINIÇÃO DAS CONDIÇÕES DE APLICAÇÃO DO *GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS*

Local:
Público-alvo:
Carga horária:
Período de Aplicação do produto:

Atividade I: Apresentação das narrativas orais aos alunos, por meio do áudio do *Podcast* Conto Ribeirinho, da produtora Na Cuia.
Recursos utilizados: notebook e caixa de som.
Podcast: Conto Ribeirinho
YouTube: Na Cuia Produtora Cultural

Amostras dos *podcast* de narrativas orais ouvidos pelos alunos na sala de aula: *Matintas* e *As cobras encantadas da Amazônia*, com 11’:57” e 22’:18”, respectivamente.

Podcast Conto Ribeirinho / EP 01 Matintas:

https://www.youtube.com/watch?v=gz3hpa5sZ7I&t=23s

Podcast Conto Ribeirinho / EP 02 Cobras encantadas da Amazônia

https://www.youtube.com/watch?v=8tYkvNY3Dm8

Atividade II: Leitura de narrativas do livro *Belém Conta*

Nesta atividade, professora e alunos são os contadores a partir da leitura do livro.

A seguir, 03 narrativas do livro como sugestão para leitura em sala de aula:

Um luxo de matinta!

Um luxo de matinta!

Cuidado com as moças que luxam demais! Cuidado também com as inovações, pelo amor de... D'Aquele!

(— Esta. Conte esta, dona Chica.)

— Essa eu não vou errar nem um pinguinho.

(— Está bom.)

Era duas moças amiga, amiga, amiga. Elas moravam na Vigia. Quando... E elas luxavam! Tinha uma que luxava, luxava, luxava. E justamente era a dita que virava matinta-perera. Uma morava no Arapiranga e a outra na Vigia. A que virava matinta, era a que morava no Arapiranga. Aí, [ela dizia:]

[— Mas mana], por que tu luxas tanto?

— Porque eu compro.

— Não! Tem segredo. Quem é que te dá? Qual é o caso? Não sei o quê.

Aí, ela disse:

[— Hum...] É segredo.

Aí... Elas eram muito amiga, íntima mesmo. Quando foi um dia, ela aperreou tanto que ela disse:

— Ó! Eu vou te levar, mas tem uma coisa, você... Eu vou te pedir por tudo o que é sagrado: tu não fala em nome dos santos. Eu vou fazer isso pra ti, mas você não vai falar em nome dos santos. Tu promete?

Ela disse:

— Prometo.

— Pois eu vou te levar numa loja, você vai escolher o que você quiser.

Quando foi à noite elas [disseram:]

— Quinta-feira, hoje. Nós vamos num passeio, está bom? Te apronta, mas pelo amor de... D'Aquele, tu não vai chamar...

Ela dizia assim:

— Hum! Está... Hum...

Ela disse:

— Está bom!

Quando foi umas horas, ela disse:

— Está pronta?

Ela disse:

— Pronta.

— [Então] vamos embora.

Aí, teve [uma que hipnotizou] ela, sabe? Era um bicho. Aí, ela se virou numa matinta. Ela...

— Pode se agarrar aqui no meu pescoço.

Aí, ela se agarrou no pescoço dela. Aí... [chil!...][22].

— Fecha o olho.

Aí, sumiu com ela. Foram bater numa loja aí para os lados do Marajó, em Soure.

Chegou lá, ela abriu uma telha. Pelo telhado, abriu um buraco. Aí, desceu com ela.

Quando ela... Aí, [disse:]

22 Onomatopéia que denota vôo rápido. A informante levanta o braço direito, mergulhando-o em seguida no ar, para reforçar a onomatopéia

— Pode abrir. Não tem problema. Nós estamos aqui. Escolhe o que você quiser.

A loja chega estava sortidona.

— Pode escolher.

Aí, ela disse:

— Minha Nossa Senhora! Menina, como foi pra gente entrar aqui? Pelo amor de Cristo!

Aí, ela disse:

— Eu não te disse!...

[Chil!...] Sumiu. Que ela ficou presa lá na loja.

Aí, quando foi no outro dia, que o dono da loja chegou...

Ah! Sua safada! É você, sua bandida, que vem roubando minha loja há muito tempo.

Aí, ela disse:

— Pelo amor de Deus, meu senhor! Eu nunca fiz uma coisa dessas na minha vida. Eu não sei como eu estou aqui. Uma amiga me trouxe e me deixou aqui.

— Você é... Sua mentirosa. Você vai ser presa!

Aí, bateram nela. A pobre pegou uma surra lá. Levaram ela para Vigia, presa. Aí, ela foi. Deu o nome da companheira. Aí, foi um rolo desgraçado.

Mas isso foi verídico, foi verdade!

(— E aí, acharam a outra pessoa?)

— Acharam. A outra foi presa, essa moça, porque deu desfalque de... De muito numa loja. Sempre quando ela ia lá nessa loja roubar, longe, ela se virava na matintaperera e ia lá. E o Raimundo, esse meu marido, já viu uma matinta.

(— E como é a aparência dela?)

[— Igual] de pessoa.

Pesquisadora: Veruza Mourão
Informante: Francisca Paulina Cardoso

Boto bonito

Boto bonito

(— E curupira? A senhora nunca ouviu falar? [ ] Histórias que a senhora sabe sobre o curupira, boto?)
— Ah! O boto também, ouvi falar muito. Era uma festa no interior [ ] Isso era minha mãe que contava, né? Eu era muito pequenininha; não via. Mas a minha mãe contava que houve uma festa grande no interior. Então, diz que era de madrugada, aparecia um rapaz bonito, bonito, bonito. Era um rapaz lindo, né? Branco, louro, olhos azuis. Quer dizer que ali ninguém conhecia. Ela apareceu na festa... Aí, mais tarde, ele. A moça começou a namorar com ele, né, e ele com a moça. Aí, foi a maior alegria. Quando [ ], quando deu quatro e meia para as cinco... Aí, eles tinham se combinado. Os rapazes de lá do interior, se combinaram pra pegar aquele rapaz que não sabiam de onde era. Iam pegar pra dá-lhe uma surra nele. Quando foi uma quatro e meia pra cinco... Aí, ele disse que ia embora e vinha noutro sábado, quando tivesse uma festa. A moça ficou apaixonada por ele. Aí, ele saiu. Ela ficou olhando... Ele não foi pra outro canto. Seguiu, seguiu no rumo do trapiche. Então, ele tinha na mão uma bengala e o chapéu na cabeça. Quando chegou bem na ponta da ponte... Aí, ele deixou na ponte a bengala e o chapéu. Aí, se jogou n'água e soprou lá na frente. Aí, sabiam que ele era boto. Aí, era. Aí, todo o pessoal corria atrás dele, pra linchar ele. Chegam lá, não encontram nada. Só viam o rebu [correr lá]. Aí, foram olhar. O chapéu era uma arraia. Aquelas arraias! A bengala era um peixe-agulha. Aí... Aí, era boto.

(— A bengala era?)
— Um peixe-agulha.
(— Ah! Sim!)
— A arraia era o chapéu; o chapéu era uma arraia. Isso, lá, todo mundo sabe. Aí, de vez quando... Uma festa que ele aparecia... Aí, todo mundo já ficava sabendo que ele era. Queriam pegar ele, mas nunca pegaram. Ele era mais esperto. Aí, quando ele estava sabendo disso... Parece que estava ali... Mas ele sabia, né? Porque era encantado, né? Ele ficava sabendo... Que ele já ia embora, né? Ele só aparecia assim, pra banda da madrugada [ ]. Ele vinha...

Pesquisadora: Iara Costa
Informante: Rosalina Novaes

A cobra do rio Vacilante

A cobra do rio Vacilande

A cobra do rio Vacilande "não fica com cristão dentro dela..."

Ele morava na beira de um rio. O nome desse rio era Vacilande. Lá tinha um engenho grande [devia ser]. Ele ainda era rapaz solteiro nesse tempo.

Lá no Amazonas, esses rios são estreitos, mas são fundos, não têm [ ] onda, assim pra... É parado, né? E esses rios parados são os rios mais perigosos. Parece que existe pedra, jacaré, cobra-grande. E nesse tempo tinha, tinha um marreteiro que trabalhava com canoa, ambulante, vendia de tudo. O meu avô gostava de fumar tabaco de [corda], e nesse dia o... Era seis da manhã, umas seis horas da manhã. O marreteiro estava vendendo tabaco pró meu avô, né? Quando ouviram um grito do rio. Grito! Grito! Tinha uma outra família que morava muito mais acima deles, do outro lado do rio e cortavam seringa daqui pra baixo mais, né?[20] Aí, ele foi ver, né? Ele disse:

— Olha, seu, (o nome do meu avô era Joaquim.) Seu Joaquim... Olha... Parece que é muito alagada.
— Alagada! Aqui nesse rio, nessa hora! Rio morto que não tem onda, né?
— É, alagada.

Aí, deixou lá e foi olhar, né? Embarcou na canoa dele. Realmente era muito alagado. Ele... Esse velho cortava seringa, mais um filho rapaz de 14 anos. Pra lá, pro Amazonas, as canoas são todas de quilha. O remo é na frente. Desde Abaeté[21] já começa ser assim. E... Ele ia mais o filho e dois cachorros. Ia cortar seringa, né?

Passando o porto da casa do meu avô, mais na frente. tinha um... Aquilo como é que é? Anhangal grande. Antes de chegar na beira do igarapé, do rio, pra saltarem, um negócio puxou a canoa deles assim, pro fundo. O menino ia sentado no banco do meio, e o velho na frente, remando, quando aquele negócio afundou a canoa deles assim pra baixo; os cachorros saíram nadando logo.

O velho estava vestido com aquela mescla grossa. Ele só via aquele negócio, aquele redemoinho puxar ele. A canoa afundou e saiu também, boiou. E e o menino desapareceu. Aquele redemoinho puxava o velho pro fundo. Quando ele chegava lá embaixo, ele vinha pra cima de novo. Quando ele boiava, ele gritava, né? Até que, numa das vezes, o marreteiro se aproximou, né?, quando o velho boiou. Ele meteu a mão, pegou ele pelo cabelo e embarcou na canoa. Aí:

— Aí, como foi que aconteceu?

Ele contou:

— Um negócio puxou a canoa pro fundo e o rapaz desapareceu. O marreteiro cismou logo. Disse:
— Foi cobra que comeu ele! [Disse que tinha certeza.]

20 Cortavam seringa em direção à desembocadura do rio

21 Abaetetuba

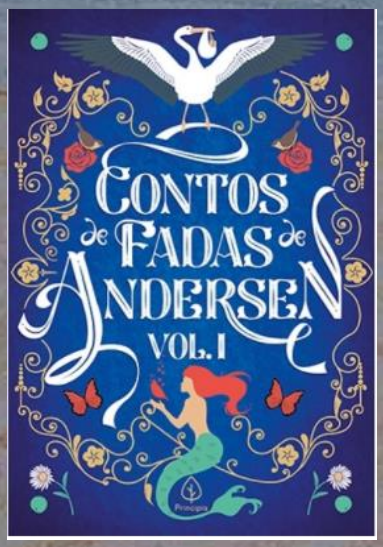
Atividade III: Após ouvir e lerem as narrativas, os alunos são os contadores através dos desenhos.

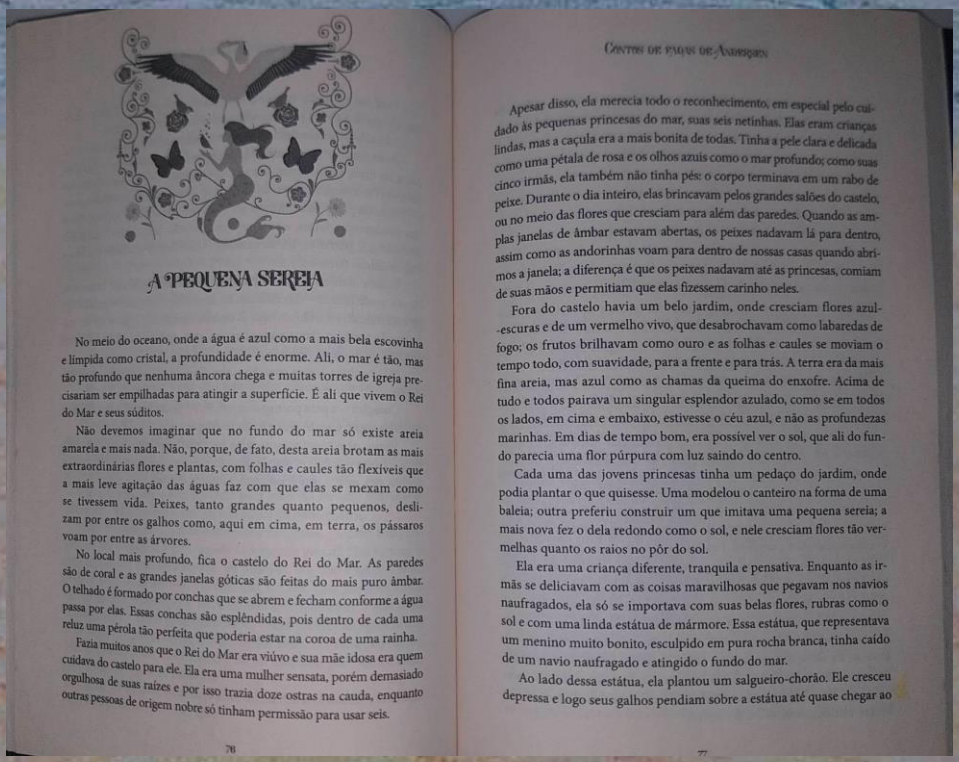
Em *Poéticas orais, um caminho para a educação do sensível*, Josebel Fares (2015, p. 367) observa que muito além de um efeito pedagógico, a fim de transmitir algum ensinamento, a literatura, assim como as narrativas orais, pode despertar o sensível, a sensibilidade poética do ser humano, por isso o convite à expressão por meio dos desenhos.

Atividade IV: A intertextualidade

Nesta fase da aplicação, o objetivo é apresentar aos discentes que as narrativas orais estão presentes em outras regiões do Brasil, países da Europa e também do continente africano, ou seja, na literatura universal, em textos que, muitas vezes, ignoramos sua origem na narrativa oral.

Atividade: leitura do conto A Pequena Sereia, de Hans Christian Andersen





A PEQUENA SEREIA

No meio do oceano, onde a água é azul como a mais bela escovinha e límpida como cristal, a profundidade é enorme. Ali, o mar é tão, mas tão profundo que nenhuma âncora chega e muitas torres de igreja precisariam ser empilhadas para atingir a superfície. É ali que vivem o Rei do Mar e seus súditos.

Não devemos imaginar que no fundo do mar só existe areia amarela e mais nada. Não, porque, de fato, desta areia brotam as mais extraordinárias flores e plantas, com folhas e caules tão flexíveis que a mais leve agitação das águas faz com que elas se mexam como se tivessem vida. Peixes, tanto grandes quanto pequenos, deslizam por entre os galhos como, aqui em cima, em terra, os pássaros voam por entre as árvores.

No local mais profundo, fica o castelo do Rei do Mar. As paredes são de coral e as grandes janelas góticas são feitas do mais puro âmbar. O telhado é formado por conchas que se abrem e fecham conforme a água passa por elas. Essas conchas são esplêndidas, pois dentro de cada uma reluz uma pérola tão perfeita que poderia estar na coroa de uma rainha.

Fazia muitos anos que o Rei do Mar era viúvo e sua mãe idosa era quem cuidava do castelo para ele. Ela era uma mulher sensata, porém demasiado orgulhosa de suas raízes e por isso trazia doze ostras na cauda, enquanto outras pessoas de origem nobre só tinham permissão para usar seis.

Apesar disso, ela merecia todo o reconhecimento, em especial pelo cuidado às pequenas princesas do mar, suas seis netinhas. Elas eram crianças lindas, mas a caçula era a mais bonita de todas. Tinha a pele clara e delicada como uma pétala de rosa e os olhos azuis como o mar profundo; como suas cinco irmãs, ela também não tinha pés: o corpo terminava em um rabo de peixe. Durante o dia inteiro, elas brincavam pelos grandes salões do castelo, ou no meio das flores que cresciam para além das paredes. Quando as amplas janelas de âmbar estavam abertas, os peixes nadavam lá para dentro, assim como as andorinhas voam para dentro de nossas casas quando abrimos a janela; a diferença é que os peixes nadavam até as princesas, comiam de suas mãos e permitiam que elas fizessem carinho neles.

Fora do castelo havia um belo jardim, onde cresciam flores azul-escuras e de um vermelho vivo, que desabrochavam como labaredas de fogo; os frutos brilhavam como ouro e as folhas e caules se moviam o tempo todo, com suavidade, para a frente e para trás. A terra era da mais fina areia, mas azul como as chamas da queima do enxofre. Acima de tudo e todos pairava um singular esplendor azulado, como se em todos os lados, em cima e embaixo, estivesse o céu azul, e não as profundezas marinhas. Em dias de tempo bom, era possível ver o sol, que ali do fundo parecia uma flor púrpura com luz saindo do centro.

Cada uma das jovens princesas tinha um pedaço do jardim, onde podia plantar o que quisesse. Uma modelou o canteiro na forma de uma baleia; outra preferiu construir um que imitava uma pequena sereia; a mais nova fez o dela redondo como o sol, e nele cresciam flores tão vermelhas quanto os raios no pôr do sol.

Ela era uma criança diferente, tranquila e pensativa. Enquanto as irmãs se deliciavam com as coisas maravilhosas que pegavam nos navios naufragados, ela só se importava com suas belas flores, rubras como o sol e com uma linda estátua de mármore. Essa estátua, que representava um menino muito bonito, esculpido em pura rocha branca, tinha caído de um navio naufragado e atingido o fundo do mar.

Ao lado dessa estátua, ela plantou um salgueiro-chorão. Ele cresceu depressa e logo seus galhos pendiam sobre a estátua até quase chegar ao

A Pequena Sereia, do autor Hans Christian Andersen

Longe, bem longe, nas profundezas do mar, a água é de um azul intenso, mas muito clara e transparente. No local mais profundo ficava o palácio do Rei do Mar. Ele era viúvo havia muitos anos, e sua velha mãezinha cuidava de tudo na casa. O rei tinha seis filhas, as princesinhas do mar, uma mais linda que a outra. Contudo, a mais nova era a mais bela. Sua voz suave e afinada encantava a todos que a ouviam. Seu corpo, assim como o de suas irmãs, terminava num rabo de peixe. Durante todo o dia as princesas brincavam no palácio, onde flores cresciam nas paredes. As grandes janelas ficavam abertas para que os peixes pudessem entrar e sair. Eles nadavam até as princesinhas, comiam em suas mãos e deixavam-se acariciar.

A avó das princesas gostava de contar histórias, e as de maior sucesso eram as que falavam do mundo dos humanos. A Pequena Sereia era a que mais gostava de ouvir histórias sobre o mundo dos humanos.

– No seu décimo quinto aniversário – prometeu a velha rainha – você poderá nadar até a superfície. As irmãs da princesa subiam à superfície quando completavam quinze anos. Quando voltavam, contavam tudo o que viam. As luzes das cidades, as torres das igrejas, os pássaros voando em bando, as crianças nadando na praia, as casas rodeadas de árvores carregadas de frutos. O céu estrelado nas noites de lua, os golfinhos dando cambalhotas e as baleias esguichando água como chafarizes. No inverno, o céu ficava escuro e icebergs de todas as formas vagavam no mar sem fim.

Um dia, finalmente, a princesa mais jovem completou quinze anos. Chegara o momento de ver aquelas maravilhas! A velha rainha, sua avó, colocou uma grinalda de lírios brancos em sua cabeça, e a sereiazinha acenou alegremente enquanto subia à superfície. Chegando à superfície, a Pequena Sereia avistou um grande navio, onde se realizava uma festa. O convés estava tão bem iluminado que ela viu um jovem príncipe. E como ele era bonito! Inesperadamente, começou uma terrível tempestade! Relâmpagos rasgaram a noite, as águas encresparam, e o navio sacudiu de um lado para outro. Até que seu grande mastro se partiu e a embarcação começou a afundar. Nesse instante, a sereiazinha avistou o Príncipe sendo jogado entre as ondas sem conseguir nadar. Ela o alcançou e, erguendo a cabeça do rapaz acima da água, deixou que o mar o levasse para perto da praia. Quando amanheceu, a Pequena Sereia nadou até a praia e deitou o Príncipe sobre a areia. De repente, sinos de uma igreja próxima repicaram e várias garotas correram para a praia. A sereiazinha se escondeu e viu quando uma delas encontrou o Príncipe na areia. Nesse momento, ele abriu os olhos e sorriu para ela. As jovens o levaram embora, e a sereiazinha voltou para o palácio.

A partir daquele dia, a sereiazinha se tornou triste e quieta. Às vezes nadava pelo mar até o local onde tinha deixado o Príncipe. Mas não o viu mais. Certo dia, ela não aguentou o sofrimento e contou tudo a suas irmãs.

– Venha, irmãzinha! – disseram as princesas. Abraçadas, elas emergiram em frente ao castelo do Príncipe. Depois que a sereiazinha ficou sabendo onde o Príncipe morava, voltava sempre ao castelo e conseguia vê-lo de longe. Estava feliz por ter salvado a vida dele, mas ao mesmo tempo estava triste, porque o Príncipe não sabia da sua existência.

A Pequena Sereia começou a gostar cada vez mais dos humanos. Decidiu, então, falar com sua avó, que lhe explicou que os humanos tinham uma alma imortal. Depois da morte, essa alma subia em direção às estrelas e seguia para lugares maravilhosos e desconhecidos, que o povo do mar nunca veria.

– Por que nós não temos uma alma eterna? – perguntou a Pequena Sereia. – Eu daria os meus trezentos anos de vida por apenas um dia entre os humanos e a chance de conhecer esse mundo celestial! O que eu posso fazer para ganhar uma alma eterna, vovó?

– Só existe um modo – respondeu a senhora. – Se um homem se apaixonar por você.

A princesinha sorriu, pensando em seu príncipe.

– No momento em que se casarem – continuou a avó – a alma dele fluirá para o seu corpo, e você ficará plena de felicidade. Ele poderá lhe dar uma alma e ainda manter a própria... Mas é melhor você esquecer. Podemos nadar e nos divertir por trezentos anos. Lembre-se de que hoje temos um baile no palácio!

Contudo, enquanto os outros dançavam, a sereiazinha saiu do palácio e foi em direção à casa da bruxa domar. Embora aquilo fosse perigoso, ela estava disposta a arriscar tudo para realizar o desejo de seu coração. No caminho havia uma estranha floresta, onde árvores com galhos finos e compridos tentavam agarrar tudo o que por ali aparecia. Depois de enfrentar muitos perigos, finalmente ela chegou à clareira onde ficava a casa da bruxa domar.

– Eu sei muito bem o que você quer – disse a bruxa. – É um erro seu. Mas vou ajudá-la assim mesmo, porque isso lhe trará infelicidade. Você deseja que o Príncipe se apaixone por você para que consiga uma alma eterna? Pois então vou lhe preparar uma poção mágica que você deverá beber na praia antes do nascer do Sol. Seu rabo de peixe se dividirá em dois, transformando-se em pernas. Mas saiba que essa mudança será dolorosa e que, depois de assumir a forma humana, você não poderá

mais voltar a ser sereia. E, se você não conseguir conquistar o amor do Príncipe, não ganhará sua alma eterna.

Mesmo assustada, a princesinha continuou a escutar a bruxa.

– Na primeira manhã após ele se casar com outra, seu coração vai se partir e você se tornará espuma nas ondas do mar. É claro que terá que pagar por isso. Eu quero o que você tem de melhor: a sua voz.

E assim foi feito. A pobre sereiazinha não podia mais falar nem cantar. Quando anoiteceu, ela chegou à praia. Bebeu então a poção ao luar e desmaiou de dor. Ao nascer do sol, ela acordou sob o olhar fixo do Príncipe. No lugar do rabo de peixe havia duas belas pernas. O Príncipe perguntou quem era ela, mas a sereiazinha apenas o olhou com tristeza. Suas pernas doíam, mas ela conseguiu subir as escadas do palácio com muita graciosidade, e todos a admiraram. Depois, foi vestida com os tecidos mais finos e luxuosos da corte. Ela recebeu permissão para, de noite, dormir junto à porta do quarto do Príncipe. De dia cavalgavam pelas florestas e escalavam montanhas. À noite, ela refrescava seus pés em brasa na água fria do mar. E continuou a fazer isso durante muitas noites. Nessas horas, ela pensava em sua família no fundo do mar.

– Você é a pessoa mais adorável que já conheci – disse-lhe o Príncipe. – E me lembra uma garota que vi certa vez, quando fui trazido à praia após o naufrágio. Aquela garota salvou minha vida e é a única que eu poderei amar em todo o mundo.

"Ele não sabe que fui eu quem salvou sua vida", pensou a sereiazinha. "Eu vi a garota que o encontrou, que ele ama mais do que a mim. Mas, pelo menos, agora estou aqui e vou devotar minha vida a ele." Um dia o rei anunciou que o príncipe deveria se casar. Ele iria desposar a filha de um rei vizinho, e um grande navio foi equipado para a viagem. A sereiazinha foi convidada para viajar com eles.

– Meus pais querem que eu me case com essa princesa – disse ele à Pequena Sereia. – Mas nunca poderei amar outra mulher a não ser a garota que salvou minha vida, e acho que jamais a verei novamente. Se devo me casar, preferia que fosse com você, minha amiga.

E, assim, o navio partiu em direção ao rei no vizinho. Na manhã seguinte, quando chegaram à cidade, os sinos da igreja repicavam para saudar o Príncipe. Quando a Princesa surgiu, o Príncipe, maravilhado, exclamou:

– É você! Foi você quem me salvou quando naufraguei. Meus sonhos se tornaram realidade.

Ele virou-se para a sereiazinha e completou:

– Tenho certeza de que você vai compartilhar da minha felicidade, pois ninguém me ama como você.

A pequena sereia beijou a mão do Príncipe, mas sentiu o coração se despedaçar. O casamento dele significava a morte para ela. Depois da festa, os noivos se recolheram. Fez-se silêncio. A sereiazinha encostou-se na amurada e olhou na direção da alvorada. Ela sabia que os primeiros raios de sol a matariam. Então ela viu suas irmãs aparecerem no mar. Seus longos cabelos tinham sido cortados.

– Oferecemos nossos cabelos para a bruxa do mar, para que você não precise morrer esta noite – disseram as sereias. – A bruxa nos deu uma faca. Antes do amanhecer, você deve enterrá-la no coração do Príncipe e, quando o sangue dele atingir seus pés, você se tornará novamente uma sereia e viverá seus trezentos anos. Depressa! Um dos dois deve morrer. Mate o Príncipe e volte.

As princesas jogaram a faca a bordo e desapareceram entre as ondas. A faca tremeu na mão da Pequena Sereia. Ela espiou pela cortina dos aposentos dos noivos. Pela última vez, a sereiazinha olhou para o rosto do príncipe adormecido. Voltou para a amurada e atirou a faca ao mar. As ondas tornaram-se vermelhas. Depois ela se jogou na água. O sol nasceu. Seus raios eram quentes e gentis sobre a espuma mortalmente fria do oceano. A sereiazinha não sentiu a morte. Ela viu centenas de espíritos dançando sobre ela. Suas vozes eram tão melodiosas que ouvidos humanos não conseguiam ouvi-las, assim como os olhos humanos não podiam ver os espíritos. Eles não tinham asas, mas mesmo assim flutuavam alegremente no ar. A sereiazinha ergueu-se da espuma, e seu espírito juntou-se aos demais.

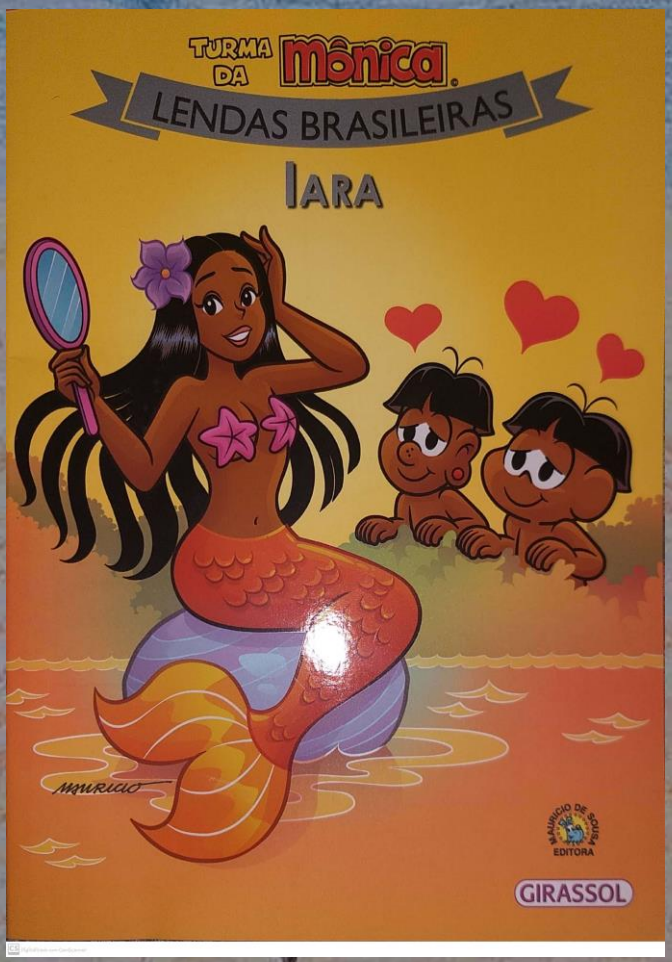
– Aonde estou indo? – perguntou. Sua voz era doce como a das almas.

– Aos céus, com os espíritos doar! – responderam as almas. –Você não possuía alma, mas, como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar. Nós voamos pelo mundo soprando uma brisa fresca nas pessoas que sofrem. Espalhamos aroma de flores pelo ar e o levamos a quem necessita. Após termos feito todo o bem que nos foi possível fazer por trezentos anos, conquistamos uma alma eterna. A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o Príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas. Invisível, ela beijou o Príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

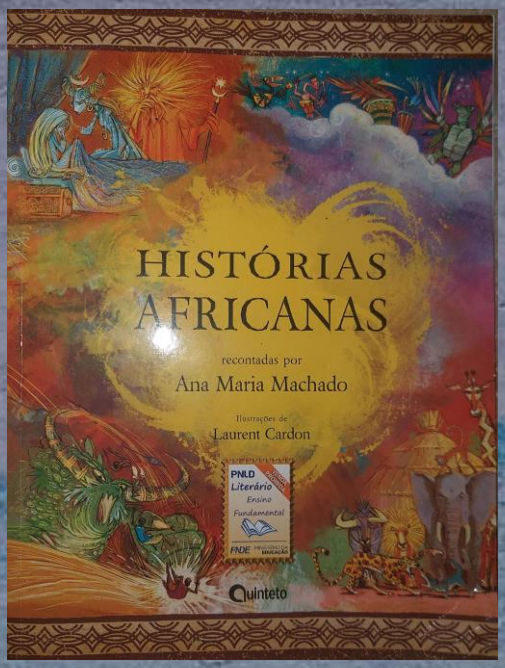
– Após trezentos anos, nós vamos flutuar para o reino dos céus – disse a pequena sereia.

– E talvez possamos entrar em menos tempo – respondeu uma companheira. – Invisíveis, nós podemos entrar nas casas dos homens onde há crianças, e para cada dia que encontrarmos uma criança boazinha, que seja a alegria de seus pais, nosso prazo de sofrimento é encurtado. A criança não sabe, quando voamos no quarto dela, quanto nós sorrimos de alegria diante de seu bom comportamento, pois diminuímos um ano dos trezentos de nosso esforço. Porém, quando vemos uma criança malvada ou malcriada, derramamos lágrimas de tristeza, e para cada lágrima um dia é acrescentado ao nosso período de provação.

Ainda compondo a atividade considerando a intertextualidade com o conto *A pequena sereia*, sugere-se a leitura da narrativa *Iara*. Na primeira aplicação deste Guia, optou-se por utilizar uma edição que faz parte da coleção *Lendas Brasileiras*, da Turma da Mônica (Mauricio de Sousa, 2018), porém, pode ser usada qualquer versão dessa lenda:



Para concluir a fase da intertextualidade, é sugerida a narrativa *A filha do Sol e da Lua*, presente no livro *Histórias africanas*, recontadas por Ana Maria Machado (2018, p.14-25). Como a autora destaca no prefácio da obra, a relevância dessas narrativas se dá pelo “o riquíssimo universo da tradição oral africana e, mais que isso, uma das nossas matrizes culturais fundamentais”.



– Sonhei com ela uma vez e me apaixonei. Quero casar é com a filha do Sol e da Lua.

"Sortuda, essa moça", pensaram as outras. Mas o que todos os moradores do reino pensaram mesmo foi outra coisa, bem como o pai do príncipe, que perguntou a ele:

– E como é que você vai conseguir isso? Tem ao menos algum jeito de falar com ela? Mandar um recado? Fazer o pedido de casamento? E depois? Se ela aceitar, você vai se mudar para o céu? Ou ela vem morar aqui?

Verdade... Era um monte de problemas juntos. O príncipe então resolveu primeiro arranjar um mensageiro. Saiu perguntando:

– Gazela, você, que corre tão veloz, pode levar uma carta minha com um pedido de casamento para a filha do Sol e da Lua?

– Impossível, Kia-Tumba. Como é que eu vou chegar lá na casa dos pais dela?

O príncipe não perdeu as esperanças. Pediu a todos os bichos velozes da terra, como o coelho, o guepardo e o antílope. Pediu a todos os bichos que nadavam e podiam seguir pela correnteza dos rios, como o peixe, o hipopótamo e o crocodilo. Pediu a todos os bichos chatinhos e pequeninos que se metem voando em todo canto, como o mosquito, a vespa e o besouro. Pediu aos

grandes pássaros que voam bem alto, como a garça, o abutre e o falcão. Todos achavam que ele tinha ficado meio maluco e respondiam:

– Impossível, Kia-Tumba. Como é que eu vou chegar lá na casa dos pais dela?

Ele guardou a carta numa caixinha de marfim e ficou esperando uma oportunidade. Sabendo disso, a rã foi falar com ele.

– Se você me der a carta, eu dou um jeito de entregar.

– Como?

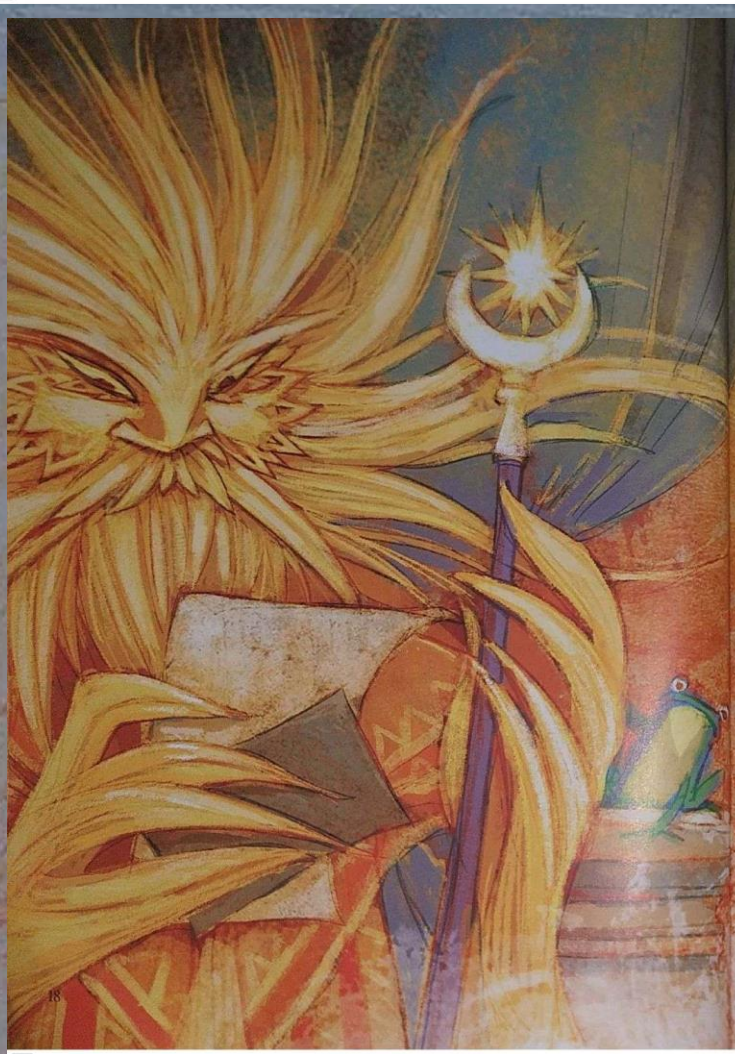
– Deixa comigo que dou um jeito.

– Vou te dar a carta. Mas não zombe de mim. Se não conseguir, eu te dou é uma surra que vai acabar com você.

A rã sabia que o Sol e a Lua eram muito poderosos e tinham escravas que sempre vinham à Terra buscar água fresquinha nas fontes. Todas as rãs, sapos e pererecas sabiam disso. Ela mesma já as tinha visto mais de uma vez, num dos poços que as carregadeiras de água preferiam. E tinha um plano.

Todo dia, a rã passou a ir para junto do poço, com a caixinha de marfim onde a carta estava guardada. Não precisou esperar muito. Daí a poucos dias, as escravas chegaram, mais uma vez. Rapidamente, a rã pulou no poço com a caixa. E, quando os cântaros de argila foram baixados, ela se meteu num deles. Assim, acabou sendo levada para o céu.

Digitalizado com CamScanner



Ao chegar ao palácio do Sol, saltou para fora do cântaro, abriu a caixinha, tirou a carta de dentro, deixou bem à vista e foi se esconder num cantinho.

Quando o Sol entrou, imediatamente viu aquele envelope endereçado a ele. Abriu-o, tirou de dentro um papel e leu:

"Senhor Sol e senhora Lua,

Eu me chamo Kia-Tumba e vivo na Terra. Quero me casar com a filha do Sol e da Lua. Venho lhes pedir seu consentimento".

– Como foi que essa carta chegou aqui? – gritou ele.

Ninguém sabia dizer. Então o Sol resolveu que também não ia falar com ninguém sobre aquilo. Guardou a carta e pronto. Fez de conta que não existia.

Daí a alguns dias, a água estava acabando e as escravas voltariam novamente à Terra para ir às fontes. A rã se meteu num cântaro vazio e foi com elas. Quando chegaram ao poço, ela saltou para fora quando as carregadoras de água estavam distraídas e se escondeu atrás de uma pedra. Depois que as moças foram embora, saltitou até a cabana de Kia-Tumba, lá na aldeia. Assim que o príncipe a viu, perguntou:

– Trouxe uma resposta para mim? Ou veio receber sua surra?

– Nem uma coisa nem outra. Vim só dizer que fiz minha parte. Entreguei a carta a quem devia. Mas ele não respondeu.

Digitalizado com CamScanner

Kia-Tumba não gostou. Olhou firme para ela, de cara zangada, mas o bichinho o encarou firme e ele achou que a rã estava dizendo a verdade. Resolveu acreditar:

– Então vou escrever de novo.

E escreveu:

"Senhor Sol e senhora Lua,

Já lhes escrevi pedindo a mão de sua filha. Escrevo de novo para repetir o pedido. Prometo fazê-la muito feliz. Com todo o respeito, Kia-Tumba".

Tudo aconteceu como antes. A rã pegou a carta, esperou alguns dias junto ao poço até as escravas do Sol chegarem outra vez. Tornou a se esconder no cântaro de uma delas e foi novamente ao céu. Chegando lá, tornou a deixar o envelope bem à vista em cima da mesa e foi se esconder.

De seu cantinho, viu quando o Sol leu a carta e perguntou às escravas quem tinha trazido.

– Não fomos nós... – responderam elas.

Curioso e vendo que não conseguia descobrir, o Sol resolveu responder diretamente. Talvez assim decifrasse o mistério. Escreveu para Kia-Tumba e deixou a carta em cima da mesa.

Quando a sala ficou vazia, a rã saiu do esconderijo, pegou o papel dobrado, guardou na caixinha de marfim e ficou esperando o dia de voltar à Terra. Ao chegar lá embaixo, foi logo levar a resposta ao príncipe, que ficou muito feliz:

– Que bom que você estava dizendo a verdade! E que bom que eu confiei em você!

Abriu a folha dobrada e leu:

"Kia-Tumba,

Você que me escreve e quer casar com minha filha pode ter meu consentimento. Mas antes precisa vir até aqui trazer pessoalmente seu presente para o sogro, como todo bom noivo deve fazer".

Era exatamente isso que os costumes mandavam: que o noivo acertasse com os pais da noiva um preço, geralmente em cabras, sacos de inhames, tecidos ou outros bens preciosos. Mas essa visita não ia ser possível, é claro. E Kia-Tumba tornou a escrever ao Sol:

"Senhor Sol, meu futuro sogro,

Infelizmente, essa minha viagem da Terra para o céu não será possível. Nem posso lhe enviar presentes pesados e grandes, devido às dificuldades de frete. Mas lhe mando algo menor que vale o mesmo. E fico aqui na Terra cuidando dos preparativos para o casamento".

O presente era um saco com 40 moedas de cobre.

Mais uma vez, pelo mesmo sistema, a rã levou a carta e o presente. O Sol ficou todo satisfeito, mostrou à Lua, falou com a filha. Todos concordaram que aquele noivo parecia interessante. Valia a pena aceitar.

Digitalizado com CamScanner

Agora, só faltava marcar a data do casamento. Ah, e o mais importante: descobrir um jeito para que a filha do Sol e da Lua pudesse ir até a Terra. Para isso iam ser necessários os poderes dos pais dela. Mas eles nem pensavam nisso.

Então a rã teve uma ideia: sempre pelo mesmo sistema da carona nos cântaros da fonte, levou até o céu umas folhas de uma planta dormideira. Quando o Sol foi se deitar e tudo ficou escuro, ela pingou nos olhos da filha deles um suco dessas folhas. De manhã cedo, a moça não conseguia abrir os olhos.

Ficaram todos aflitos, sem saber o que fazer, achando que a filha tinha ficado cega. E mandaram consultar o curandeiro do céu.

Ouvindo a história toda, o Sábio Homem disse:

– Isso não é cegueira. É um encantamento. Vocês têm de enviar a moça à Terra o mais rápido possível, para ela não morrer. Ainda hoje.

Escondida em seu canto, a rã ouvia tudo. Como as escravas estavam saindo justamente naquela hora, aproveitou para se esconder num cântaro de argila e voltou com elas para a Terra, onde se apressou a dar a boa notícia a Kia-Tumba:

– Hoje mesmo sua noiva vem.

– Como?

– Não sei. Só sei que vem.

Digitalizado com CamScanner

Passaram o dia todo esperando, e nada.

É que o Sol ordenara à aranha que esperasse a noite para tecer uma teia inclinada, cor de prata, bem forte, capaz de aguentar o peso da filha deles quando ela descesse. Era numa teia assim enladeirada que as escravas costumavam vir. Uma teia tão fina que ficava quase invisível e nem mesmo a rã, tão esperta, tinha reparado nela.

Essa agora seria mais forte, para a moça poder trazer seu enxoval e seu séquito de escravas. E a Lua achava que o melhor era que eles esperassem, para que a descida fosse à noite, sem que alguém pudesse ver a rampa de fios e quisesse aproveitar para subir. No escuro era mais protegido. E quem visse alguma coisa podia achar que estava sonhando, eram só os raios do luar...

Logo que anoiteceu, devagarzinho, a filha do Sol e da Lua veio deslizando do céu à Terra, escorregando pela teia que chegava até o poço. Assim que chegou, a rã lavou os olhos dela com água da fonte, até passar o efeito das folhas de dormideira. Depois, lhe disse:

– Não tenha medo. Estou aqui para levá-la para junto de seu noivo.

Foram até a cabana de Kia-Tumba, e a rã bateu à porta. O príncipe mal podia acreditar que a moça deslumbrante com quem tanto sonhara estava ali, em pessoa, à sua frente, para se casar com ele.

– Como vê, cumpri o que prometi – disse a rã. E se afastou aos pulos, sem nem esperar uma recompensa.

Foi assim que um homem da Terra se casou com a filha do Sol e da Lua. E é por isso que todas as rãs foram sempre muito protegidas por todos os descendentes deles.

Digitalizado com CamScanner

Atividade V: Alunos como protagonistas

Neste momento, os alunos são orientados a fazerem o registro de narrativas orais contadas pelos narradores em seu contexto (sua casa, seu bairro, seus familiares), com a orientação sobre como abordar os narradores, bem como as perguntas mais adequadas para instigar os narradores a contarem as narrativas. Por exemplo: *Você conhece alguma história que saiba contar? Poderia me contar?*

Recurso didático: gravador portátil ou celular.

Após a coleta das narrativas por parte dos alunos, para finalizar a aplicação de toda a atividade, sugere-se a realização de um encontro em sala de aula para que os alunos compartilhem a experiência. Os alunos são convidados, orientados e estimulados pela professora a apresentarem aos demais colegas da turma as narrativas orais que puderam ser coletadas.

Recurso didático: data show e caixa de som

Considerações finais

A proposta do Guia poético de narrativas apresentado nesta pesquisa visa a contribuir com as estratégias disponíveis ao professor para serem desenvolvidas em sala de aula, visto que é imperativo estimular os alunos à leitura e a refletirem sobre os usos da língua em seus contextos específicos, sejam eles orais ou escritos. Com a aplicação das atividades propostas no Guia, espera-se contribuir para que os alunos sejam despertados à prática da leitura partindo da compreensão de que a oralidade também é um importante aspecto da nossa língua. Além disso, expandir o repertório textual e cultural do aluno após a apresentação de diferentes narrativas que fazem parte da literatura regional e universal.

As tarefas sugeridas neste *Guia* pressupõem a utilização de mídias eletrônicas, como aparelhos celulares e computadores, itens dominantes na atual geração. Porém, justamente neste ponto, entendo que a prática dessas atividades pode apresentar dificuldades para a sua realização considerando a realidade estrutural, principalmente no que tange à tecnologia, de muitas escolas e alunos de diversos contextos brasileiros, como bairros periféricos, interior do país e comunidades ribeirinhas, exigindo, mais uma vez, a sensibilidade dos professores e demais profissionais da rede educacional para adequações necessárias quando da realização da presente proposta, sem negligenciar o acesso do aluno aos componentes curriculares apresentados, garantindo o seu desenvolvimento enquanto cidadão e, com tudo isso, contribuir para a formação do leitor do alunado brasileiro, não apenas como uma obrigação escolar, porém, como um grande universo de leitura proporcionado pelo texto literário, seja em sua forma escrita ou oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de fadas de Andersen Vol. 1* / tradução de Karla Lima. Jandira, SP: Principis, 2020.

BASTOS, Renilda Rodrigues. *Era uma vez uma história*. In: PARFOR: Coletânea de textos da disciplina Literatura infantil e juvenil. PARFOR e UEPA. Belém, Pará, 2013, p. 32-44.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >.

FARES, Josebel Akel Fares. *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*. In: Revista Cocar. Belém-PA, vol. 7, n. 13, p. 82-90.

FARES, Josebel Akel Fares. *Poéticas orais, um caminho para a educação do sensível*. In: Assimetrias e desafios na Produção do Conhecimento em Educação: a Pós-graduação nas regiões Norte e Nordeste. / Alda Maria D. A. Castro; Maria Aparecida Queiroz; Maria das Graças Barracho (orgs). Rio de Janeiro: ANPED, 2015. p. 367-384.

FARES, Josebel Akel [et. al.]. *Texto & Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos*. Vol. 1 e 2 – 3. ed. Belém-PA: Cejup, 1996.

FARES, Josebel Akel Fares & RODRIGUES-BASTOS, Renilda. Educar pela voz. In: Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 4, n. 7, 2016.

GOLDER, Christophe, SIMÕES, Maria do Socorro (coord.). *Belém conta...* Belém: CEJUP; Universidade Federal do Pará, 1995.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias Africanas*/ recontadas por Ana Maria Machado; ilustrações de Laurent Cardon. 1. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

MENEZES, Adélia Bezerra de**.** *Scherazade ou do poder da palavra*. In: PARFOR: Coletânea de textos da disciplina Literatura infantil e juvenil. PARFOR e UEPA. Belém, Pará, 2013, p. 06-17.

SOUSA, Mauricio. *Iara*. In: Turma da Mônica: Lendas Brasileiras. Barueri, SP: Girassol, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*; tradução de Jerusa Pires Ferrreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354 p.

OBSERVAÇÃO: **Gabriel Silva dos Santos**, de 12 anos, aluno do 6º ano, é o autor do desenho que ilustra este material.

Referências do meio virtual:

Instagram: **@nacuiaprodutora**

YouTube: **Na Cuia Produtora Cultural**

Podcast Conto Ribeirinho / EP 01 Matintas:

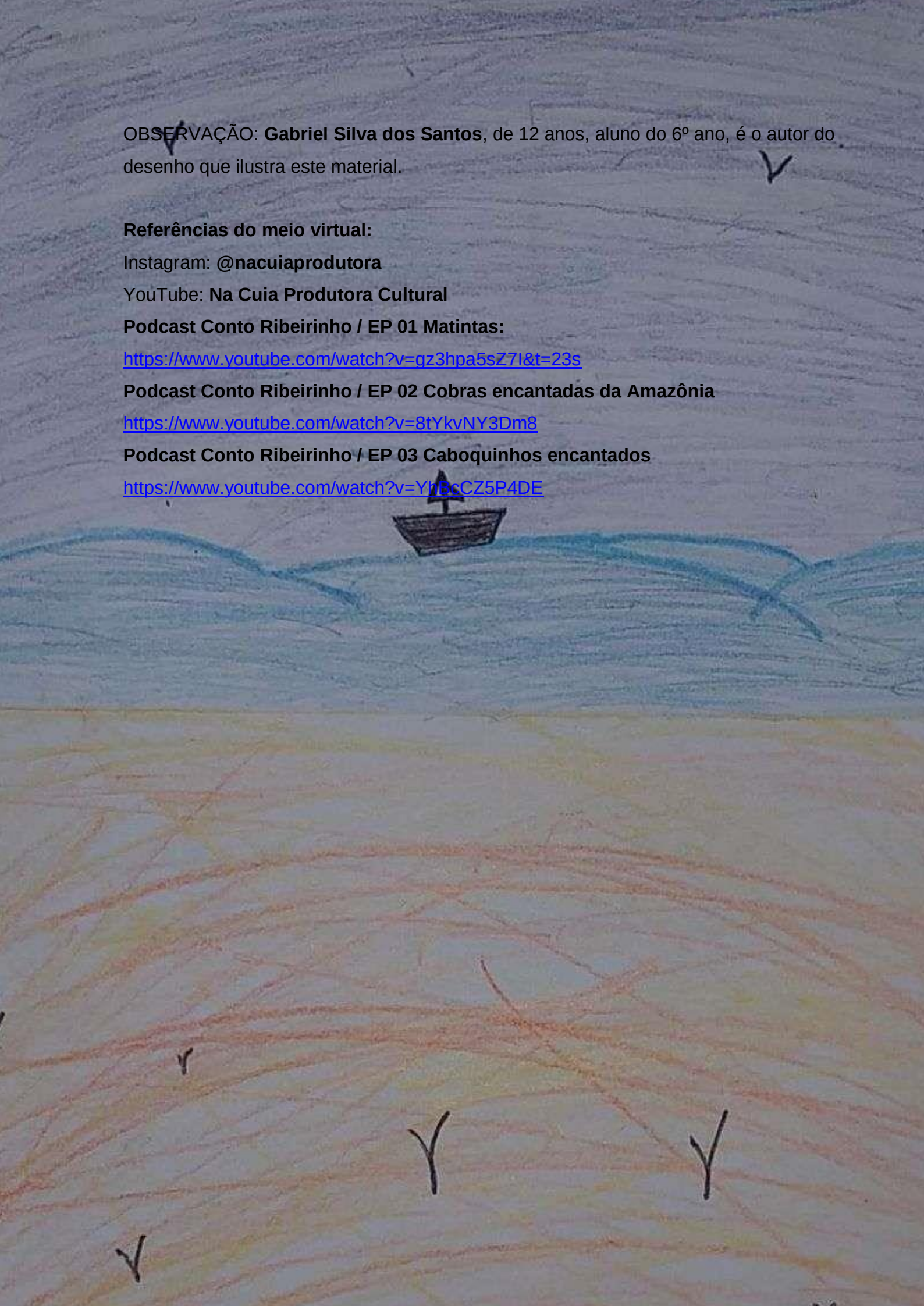
https://www.youtube.com/watch?v=gz3hpa5sZ7I&t=23s

Podcast Conto Ribeirinho / EP 02 Cobras encantadas da Amazônia

https://www.youtube.com/watch?v=8tYkvNY3Dm8

Podcast Conto Ribeirinho / EP 03 Caboquinhos encantados

https://www.youtube.com/watch?v=YhBcCZ5P4DE



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional
Travessa Djalma Dutra, s/n - Telégrafo - 66050-540 - Belém – PA
https://paginas.uepa.br/ppgell/